

## SIMBOLOGIAS NEGRAS E IDENTIDADES CULTURAIS: breves reflexões

Mario Sélvio Ferreira de Brito <sup>1</sup>

Artigo recebido em: 11/12/2020.

Artigo aceito em: 08/06/2021.

**RESUMO:** O presente artigo trata sobre as simbologias negras como identidades culturais brasileiras com destaque para a feijoada, o samba e os estilos identitários representativos. Embasado em autores como Bastide (1971), Hall (1997), Hanchard (2001), Paranhos (2003), Diniz (2006), Albuquerque (2006), Aladrén (2012), Mbembe (2014), Neto (2017), entre outros, o objetivo do trabalho é refletir sobre esses temas e suas dispersões nos espaços, ultrapassando os muros da invisibilidade. Através de uma análise crítica, foi possível refletir que, por mais que quisessem “apagar” o negro e suas simbologias da história do Brasil, são suas raízes que representam a identidade cultural do povo brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raízes; Identidades; Cultura Afro-brasileira; Visibilidade.

### BLACK SYMBOLOGIES AND CULTURAL IDENTITIES: brief reflections

**ABSTRACT:** This article deals with black symbologies as Brazilian cultural identities with emphasis on feijoada, samba and representative identity styles. Based on authors such as Bastide (1971), Hall (1997), Hanchard (2001), Paranhos (2003), Diniz (2006), Albuquerque (2006), Aladrén (2012), Mbembe (2014), Neto (2017), among others, the objective of work is to reflect on these themes and their dispersion in spaces beyond the walls of invisibility. Through a critical analysis, it was possible to reflect that, as much as they wanted to “erase” the Negro and his symbologies from the history of Brazil, it is his roots that represent the cultural identity of the Brazilian people.

**KEYWORDS:** Roots; Identities; Afro-Brazilian culture; Visibility.

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Especialista em Geo-História do RN pela Universidade do Rio Grande do Norte - UERN, Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Professor da Rede Municipal de Ensino do município de Santana do Matos-RN. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8293363388205899> - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2095-7921>. E-mail: [selio.ferreira@gmail.com](mailto:selio.ferreira@gmail.com)

## Introdução

A formação e a organização sociocultural dos negros africanos que vieram como escravos para o Brasil e seus descendentes, sempre foi objeto de discussões nos campos acadêmicos. Com o intuito de discutir o cotidiano, as lutas, os meios de sobrevivência, os comportamentos e suas identidades culturais, como também a inserção nos espaços elitistas dos brancos, há valorosas discussões desde sua chegada (escravos) até os dias atuais (Bastide, 1971; Hall, 1997; Hanchard, 2001; Paranhos, 2003; Diniz, 2006; Albuquerque, 2006; Aladrén, 2012; Mbembe, 2014; Neto, 2017).

A fixação no território brasileiro por europeus e escravos africanos é oriunda de relevantes discussões. De um lado, a busca pela permanência de uma cultura que cruzou o Atlântico pelos colonizadores portugueses com a tarefa de fixá-la de forma permanente. Do outro, os africanos que foram obrigados a deixarem para trás suas vidas (sociocultural) para viverem como mercadorias em um mundo desconhecido. Uma viagem sem mala e sem retorno, apenas com o corpo despido, fúria, angústia e tristeza.

Sob essa concepção, Bastide (1971) corrobora ao dizer que,

Portugal importou sua sociedade ao mesmo tempo em que sua civilização. A escravidão, pelo contrário, destrói a sociedade africana, e o negro não pode trazer consigo, nos costados dos navios negreiros, mais que seus valores culturais. O português deve se adaptar a um novo meio e as modificações que sofrerão sua organização social, assim como sua civilização serão, sobretudo, de ordem ecológica. O africano deverá se adaptar, pelo contrário, a uma sociedade bem diversa da sua que lhe é imposta pelo branco, e é sua civilização que ele deverá adaptar a fim de incorporá-la numa outra estrutura social. (BASTIDE, 1971, p. 55)

Sem escolhas, os africanos, quando chegaram ao Brasil, passaram a conviver com diversos grupos sociais: portugueses, crioulos, indígenas e africanos originários de diferentes regiões da África. Nesse “caldeirão” social chamado Brasil, tentou-se garantir a própria sobrevivência, estabelecendo relações com os companheiros de cor e origem, construindo espaços para a prática de solidariedade e recriando suas manifestações culturais e as visões de mundo (MATTOS, 2012).

Da recriação da cultura quanto à prática de sobrevivência alimentar, do lazer, da diversão e dos estilos pessoais, os africanos escravizados, mesmo sem querer, ao longo dos séculos, construíram as principais simbologias representativas do povo brasileiro. Ou seja, as raízes culturais alimentares como a feijoada, o ritmo musical do samba e seus estilos próprios, constituíram-se os símbolos culturais de identidades afro-brasileiros prestigiados em todos os espaços geográficos<sup>2</sup>. Símbolos esses que, segundo Hall (1997), são representações pelos quais membros de uma cultura usam como linguagem para instruir significados, ideias, além de preservar e transmitir valores das manifestações culturais de um grupo e/ou um povo quanto ao processo identitário.

No entanto, construir uma identidade numa sociedade moldada pelo preconceito e negações não é uma tarefa fácil, já que, segundo Valle (1999), estas não se elaboram a partir de uma polarização estanque entre o eu e o outro. Elas são marcadas por tensões e negociações, colocando-as sempre como realidades construídas mediante as subjetividades das pessoas e do contexto social. Assim, é perceptível que a caminhada não foi fácil, pois, como relata Souza (1990, p.77), “ser negro no Brasil é tornar-se negro e para entender o ‘tornar-se negro’ num clima de discriminação é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico”. Isso, referindo-se aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos e à linguagem.

Para D’Adeskyd (2001), a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Segundo o autor, nenhuma identidade é construída no isolamento; ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade

---

<sup>2</sup> Esses espaços geográficos fazem referências aos estados do território brasileiro. Entretanto, o estudo está voltado para os espaços geográficos do Rio de Janeiro (áreas das classes nobres e áreas periféricas das classes menos favorecidas e/ou subúrbio como também são conhecidos), por serem lugares contribuintes para as reflexões propostas no estudo. (Nota do autor)

socialmente derivada são formadas em diálogos abertos e esses dependem de maneira vital das relações dialógicas com os outros.

Dessa forma, levando em consideração a ideia do “tornar-se negro” (SOUZA, 1990) e do ser “eu” (D’ADESKID, 2001), segundo Mbembe (2014), isso é fruto de um pensamento ocidentalizado que inventou um “direito das gentes”, dando origem a uma ideia de ser humano com direitos civis e políticos. O autor ainda acrescenta que esse pensamento permite desenvolver poderes privados e públicos como pessoa, como cidadãos que pertencem ao gênero humano e, enquanto tal, preocupado com tudo que é humano.

Infelizmente a atitude imposta pelo pensamento europeu causou muita dor, ódio e sofrimento por séculos aos negros africanos e seus descendentes no Brasil que foram forçados a “apagar” suas identidades culturais (raízes) para serem moldados por outras, constituindo-se como objeto de inferioridade numa luta constante no cenário brasileiro. Por fora, aparentemente, a ideia de inferioridade esteve presente, mas por dentro, as raízes identitárias permaneceram vivas através da dinamicidade ocorrida com suas manifestações culturais de diversas maneiras (crenças, culinárias, música, lazer, estilos, etc.).

Essas manifestações e identidades culturais, segundo Hall (2003) no contexto contemporâneo, conformam um universo de sentido de amplo espectro, polissêmico, de uso político-identitário igualmente diverso e procura-se versar sobre o fenômeno da identidade afro-brasileira, perspectivando-a como identidade étnica, acionada, situada, projetada, subjetivada e dada a ser compartilhada, resignificada e apropriada em situações sociais específicas.

Sem desistir de valorar sua identidade na história do Brasil, a cultura afro-brasileira veio se constituindo de diversas maneiras e, nesse caminhar, adentrou as mesas das famílias, levou melodias aos ouvidos de sua gente como também dos preconceituosos (brancos) e construiu algumas simbologias identitária do povo brasileiro.

Assim, esse estudo traz como objetivo, refletir sobre as simbologias negras oriundas da culinária (feijoada), da música (samba) e dos estilos identitários construídos ao longo dos séculos como identidades culturais próprias. É certo que muitas pesquisas já foram realizadas sobre as simbologias e identidades culturais afro-brasileiras, mas sempre há um espaço para novos olhares.

Por entender que a construção de uma identidade cultural não acontece de uma hora para outra e que não existe uma construção linear; para esse estudo, o recorte temporal está embasado por acontecimentos e situações originárias das simbologias (a feijoada, o samba e os estilos próprios) apresentadas desde o Período Colonial até o Período Republicano<sup>3</sup>. Quanto aos espaços para discussão, trata-se especificamente da cidade do Rio de Janeiro, observando as vivências e os acontecimentos: dos subúrbios (negros) ao centro urbano “reservado” para a elite (branca) carioca.

Como se trata de breves reflexões e por ser um procedimento exclusivamente teórico, o estudo foi desenvolvido sob as bases da Pesquisa Bibliográfica de cunho qualitativo. Esse método, de acordo com Fonseca (2002, p. 32), “é feito a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Destarte, foram fundamentais para esse estudo, autores como Bastide (1971), Hall (1997), Hanchard (2001), Paranhos (2003), Diniz (2006), Albuquerque (2006), Aladrén (2012), Mbembe (2014), Neto (2017). A partir desses, foi possível refletir um pouco sobre o negro escravo na construção territorial do Brasil e suas simbologias culturais (a feijoada, o samba e os estilos afro-brasileiros) como identidades culturais afro-brasileiras.

---

<sup>3</sup> Apesar de tratar de um período longo, a ideia do estudo não é analisar século por século, mas sim, refletir sobre os acontecimentos das simbologias e identidades culturais negras que aconteceram nesse intervalo de tempo. (Nota do autor)

## **O trabalho escravo e a construção territorial: uma análise geral**

Falar sobre a ideação do território brasileiro e não falar em quem representa a parcela considerável para essa empreitada, já pode-se considerar como o primeiro crime de identidade social. Os negros que vieram forçados de suas terras maternas para serem explorados como mão de obra nas terras do Brasil, são os principais meritórios da produção de um ciclo econômico (plantação da cana-de-açúcar e a produção do açúcar, extração de ouro e diamante, plantação de café, etc.) e que deu de “calçar e vestir” a muitos colonizadores que por aqui se estabeleceram.

Para Albuquerque (2006),

A escravidão foi muito mais do que um sistema econômico. Ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência. A partir dela instituíram-se quem mandava e quem devia obedecer. Os cativos representavam o grupo mais oprimido da sociedade, pois eram impossibilitados legalmente de firmar contratos, dispor de suas vidas e possuir bens (ALBUQUERQUE, 2006, p. 68).

Por centenas de anos, fomos acostumados a lidar com nomes europeus responsáveis por empreitarem volumosos investimentos nas bases econômicas agrárias, construindo simbologias de poder através de construções imobiliárias (casas-grandes, prédios comerciais, casarões, etc.), grandes extensões de terras destinadas ao cultivo da cana-de-açúcar, engenhos produtores de açúcar e seus numerosos agrupamentos de corpos (nesses espaços) do trabalho escravo. Entretanto, todas essas características que definiam uma simbologia de poder no período colonial, só foram possíveis através do submundo exploratório da força, do suor, das tristezas, dos castigos e da morte de centenas de milhares de africanos.

Com o crescimento do tráfico de africanos, os escravos se tornaram sinônimo de negros. Embora nem todos os negros fossem escravos, a maioria o era. A cor da pele era um elemento fundamental para identificar a condição de escravo e também para estigmatizar a marca da inferioridade (ALADRÉN, 2012).

Os colonizadores europeus foram “sugadores” que se apoiavam entre favores políticos e transações comerciais (escravos e açúcar) para permanecerem

com a imagem figurativa de ostentação e poder num território em construção. Nunca souberam o valor de um suor derramado em baixo de um sol escaldante e jornada desumana de trabalho diário. Assim, como podemos dizer que os europeus são os únicos personagens que construíram o território econômico do Brasil?

Uma construção econômica precisa de bases sustentáveis e mediações. As mediações do capital ficaram a cargo dos proprietários de terras e agentes comerciais; mas a história, contada por séculos, deixou de registrar com veemência a força do trabalho escravo como simbologia de poder, como também, no percurso da construção econômica do primeiro esboço do Brasil.

Tudo isso persistiu no decorrer dos séculos subsequentes que, segundo Aladrén (2012), quantidades maiores de africanos foram importadas durante o século XVIII, passando a ser utilizada em uma diversidade de atividades que incluía os antigos engenhos de açúcar, as minas de ouro e diamante, a pecuária e a produção de alimentos.

Além da mão de obra negra destinada à economia do campo, elas também estiveram presentes nos centros urbanos. De acordo com Albuquerque (2006),

Nas cidades, eram eles que se encarregavam do transporte de objetos e pessoas e constituíam a mão de obra mais numerosa empregada na construção de casas, pontes, fábricas, estradas e diversos serviços urbanos. Eram também os responsáveis pela distribuição de alimentos, como vendedores ambulantes e quitandeiras que povoaram as ruas das grandes e pequenas cidades brasileiras (ALBUQUERQUE, 2006, p.65).

O trabalho escravo (tanto no campo como nos centros urbanos) ultrapassou o espaço do submundo concebido pelas ideias eurocêntricas de animais ferozes e sem alma para, no seu pouco tempo de vida diário com familiares e/ou em grupos, criar sua subsistência alimentar e espiritual que, ao longo dos séculos, tornar-se-iam as simbologias culturais representativas do povo brasileiro e adentrando o território de outros mundos (países). Estamos falando de identidades como: a culinária, a música e os seus estilos de identificação pessoal.

Essas identidades nasceram sem intenção de atingir algo, mas sim, nas raízes da subsistência, variando entre a labuta diária e os seus momentos de descanso. Surgiram nos espaços forjados pelas elites que tinham, como propósito, torná-las invisíveis, muito bem descrito nos distanciamentos impostos entre os centros sociais urbanos e os “lugares” não sociais das senzalas e subúrbios. Lugares que, para os poderosos, durante muito tempo, foram apenas um local vazio, sem saber, sem conhecimentos e longe de uma identidade cultural. E isso foi assim, desde as senzalas até a formação dos casebres e barracos nos subúrbios.

### **Simbologias negras: a feijoada, o samba e os estilos pessoais**

É comum encontrarmos, nas culturas de outros países, raízes autóctones que identificam seus povos, seus lugares e suas identidades advindas de suas árvores genealógicas que transpassaram longas gerações. Muitas vezes, identificamos ou percebemos como coisas simples, mas que, na verdade, é uma simbologia representativa de um povo, de um lugar, de uma vida.

O Brasil também tem suas simbologias culturais que representam o povo brasileiro. Entre várias, destacaremos a feijoada, o samba e os estilos pessoais, que levam o nome do nosso país para vários lugares do mundo. No entanto, é cabível refletir sobre a origem dessas simbologias. Um país moldado na imagem de um homem branco que traz na bagagem o status de prestígio, poder e querer, que ao longo de séculos, escondeu os pés e as mãos do povo que mais trabalhou para construir o “Primeiro Brasil” (Período Colonial), que é reconhecido nos territórios internacionais pela cultura do desrespeito da cor, do sofrimento, da dor, do cansaço, da subsistência e da resistência.

É assim que se pode definir a feijoada, o samba, os estilos pessoais, entre tantas outras manifestações culturais edificadas à base de muita humilhação. Quantas lutas foram travadas para que essas raízes pudessem ser fincadas em terras brasileiras? Quantos gritos e difamações inflamaram as audições dos seres escravos, libertos e submissos? Anos foram usados para, tão somente, menosprezar uma raça,

milhões de seres humanos, milhões de vidas, que deixaram de alicerçar uma identidade cultural que fosse advinda dos moldes do europeu civilizado.

O Brasil é mostrado ao mundo por simbologias culturais de raízes negras. É certo que vários pratos representam seus estados, suas regiões, mas é a feijoada que representa a bandeira culinária brasileira no mundo lá fora. Assim como ocorre com o samba representando seu ritmo musical e os estilos representativos que trazem identidade, cor e vida para todos aqueles que resistiram e resistem no sentido de manterem vivas suas origens e histórias de lutas.

### **A culinária afro-brasileira: um olhar para o feijão preto**

Desde o início de sua ocupação pelos colonizadores europeus, o Brasil adotou o distanciamento racial com o intuito de preservar uma cópia europeia das tradições e costumes. Aos poucos, os sabores foram ganhando pitadas das culturas negras e indígenas, diversificando os pratos em companhias dos resquícios vindos de Portugal. Mesmo sem querer mostrar a realidade existente da época, a culinária afro-brasileira, desde muito cedo, esteve presente na vida e nos espaços sociais dos homens de cor, mas que quiseram sempre encobrir para não se tornarem submissos a uma cultura considerada inferior, tornando-a invisível.

É de conhecimento de todos que a formação dos lugares conhecidos advém de uma verdadeira diáspora dos grupos humanos. Esses deslocamentos ao longo dos tempos levaram consigo seus conhecimentos e suas manifestações culturais que, ao passar dos séculos, foram se apropriando e se adaptando ao que o ambiente lhe proporcionava.

Entre as adaptações estava a cultura alimentar, como relata Souza (2017) ao comentar que:

A dispersão das culturas culinárias, de técnicas, alimentos e receitas, que passam a fazer parte de outro contexto cultural mantendo a cultura alimentar de origem, com a dificuldade de acesso aos alimentos e do próprio contexto, é para muitos uma questão de extremo valor, pois diz respeito à manutenção da existência espiritual e política do grupo (SOUZA, 2017, p. 31).

Assim aconteceu com africanos que vieram escravizados para o Brasil. Adaptaram suas bases alimentares para dinamizar sua subsistência diária. Essas adaptações de valores culturais são resultados das únicas coisas que puderam trazer consigo nos fedidos e monstruosos navios negreiros (BASTIDE, 1971).

Dessa subsistência alimentar vai originar-se um dos pratos mais conhecido nos dias atuais que é a feijoada. Prato construído, segundo a historiografia, da mistura no feijão preto, de pertences de porco correspondentes às partes menos nobres que não tinham tanta importância na mesa dos patrões.

Para Souza (2017), o significado dessa mistura vai muito além das panelas e seus ingredientes; é a lógica da mistura racial e acrescenta:

A feijoada é o arcabouço simbólico que extrapolou a mistura para firmar-se como “afro-brasileira”. A comida que seria então considerada de menor qualidade torna-se iguaria étnica, junto à emolduração do típico nacional. Mas, ainda, vem sendo constituída como elemento utilizado na batalha étnica, para afirmar ideias, confirmar lugares e dar visibilidade a inúmeros sentidos do ser étnico nacional por não se circunscrever a um grupo identitário específico ou região (SOUZA, 2017, p. 34).

Apesar da discordância de autores como Rodrigo Elias que, no seu trabalho *Sabores do Brasil*, disserta sobre a origem da feijoada e discorda que ela tenha origem nas senzalas, explicando que há distância entre a feijoada e o feijão, descrevendo que a primeira é preparada com o cortejo das carnes, legumes, hortaliças. Acrescenta que essa combinação só ocorreu no século XIX, e bem longe das senzalas. Assim, não se trata aqui de discutir o contínuo, mas sim, refletir sobre a origem dos primeiros ingredientes que, realmente, veio das misturas decorrentes nos momentos alimentares dos escravos africanos em terras brasileiras.

É importante observar nessa reflexão que as classes ricas conseguiram colocar mais ingredientes na mistura com o feijão preto, até mesmo por ter condições para isso. Ao mesmo tempo, perceberam que seria um alimento que atenderia às necessidades diárias de quem precisaria está satisfeito com uma refeição. Entretanto, é cabível observar que, praticamente, essa mistura em suas origens, esteve presente inicialmente nas panelas dos negros escravos.

Ao mesmo tempo, quando passamos a refletir no contexto social da época, percebemos apenas um aprimoramento de um prato culinário absorvido pelo paladar de todos querendo distanciar suas origens. São ações como essas que vêm, ao longo do tempo, denegrindo os valores culturais afro-brasileiros. Apesar dessa distância entre o feijão preto dos negros escravos e a feijoada incrementada por outros, como alguns autores defendem, não vai tirar o mérito de suas origens e está nas suas raízes identitárias como de origem negra.

A feijoada hoje se tornou um dos pratos principais em diversos eventos como em reunião de família, acompanhamento de churrascos dos finais de semana, prato permanente em diversos restaurantes espalhados pelo país, entre outros tantos que requer a presença de muitos e/ou poucos convidados. Esses encontros, muitas vezes, seguidos do ritmo musical do samba.

### **A música Afro-brasileira (o samba)**

Som de preto, de ruídos, de badernas, de folias, de batuques, de vozerias ou de tocadás de pretos (VIANA, 2012) são alguns dos adjetivos atribuídos aos momentos de lazer e descontração construídos pelos afro-brasileiros ao longo de suas histórias no território brasileiro. Aos poucos, o som foi ganhando um ritmo identitário dos negros e originou o samba que conhecemos hoje.

Segundo Paranhos (2003),

Na galeria de ícones nacionais, a invenção social do Brasil como terra do samba representa uma imagem que perdura até os dias de hoje, atravessando os tempos apesar de todos os contratempos no terreno da música popular brasileira. Denominador comum da propalada identidade cultural brasileira no segmento da música, o samba urbano teve que enfrentar um longo e acidentado percurso até deixar de ser um artefato cultural marginal e receber as honras da sua consagração como símbolo nacional (PARANHOS, 2003, p.81).

Desde a era colonial, quando os ritmos e danças dos escravos começaram a ser rotulados pelos brancos sob a designação genérica de batuques, as tais umbigadas – recorrentes nas danças dos povos bantos de Angola – vinham chamando a atenção de portugueses e viajantes estrangeiros no Brasil (NETO,

2017). Atenção essa, mais para descrever pontos negativos do que positivos, já que se tratava de uma classe desfavorecida no cenário brasileiro.

O samba faz parte hoje de uma identidade brasileira, trazendo, nas suas raízes, o preconceito de uma sociedade moldada pela discriminação que perdura até os dias atuais. Mas, o importante aqui é observarmos que o samba é uma das mais importantes simbologias musicais que apresenta o Brasil pelo mundo além dos muros nacionais. É um “ímã” atraindo todas as classes sociais para participar da roda de samba que, através da música, mostrou sua resistência e confronto na quebra dos paradigmas da cultura musical trazida pelos europeus.

Foi o momento da aculturação entre os eventos dos subúrbios e os eventos dos espaços elitistas. De acordo com Neto (2017),

Sob o olhar nauseado das elites, as festividades originárias de tradição branca e portuguesa experimentaram uma gradual apropriação pela comunidade negra. [...] Nesse cenário, emergiam novas sonoridades, coreografias, ritos, saberes, crenças, formas de lazer. Instrumentos trazidos da Europa como o violão, violas, bandolins, flautas e sanfonas passaram a dialogar com atabaques, xequerês, ganzás e marimbas (NETO, 2017, p.23).

Historicamente, não é difícil entender porque esse ritmo se tornou tão atrativo para o povo brasileiro. Se pensarmos na organização dos eventos, os bailes eram os meios de diversão restritos, apenas, à classe dos economicamente poderosos. Exclusivo para os bens vestidos com, dependendo dos espaços, números reduzidos de convidados para abrilhantar seus salões que serviam muitas vezes de encontro de negócios, do que diversão. Ao contrário do que acontecia nos salões ornamentados, as rodas de samba era um lugar de todos. Reservados exclusivamente para a diversão, os encontros eram regidos de muita dança, bebedeiras e cantos que se entoavam por longas horas. Como testemunhou o escritor Raul Pompeia num desses eventos, descrevendo-o que a “alegria colossal da plebe vence as horas”.

Era o momento de se sentir bem diante de um muro posto entre os salões iluminados e os casebres da periferia. Ou melhor, era a construção de uma

identidade que ultrapassaria os muros do preconceito para se tornar símbolo de um país.

Não se prendendo à linha histórica do tempo, mas mostrando a popularidade dos ritmos afro-brasileiros, de acordo com Diniz (2006),

A Festa da Penha era a principal festa popular carioca fora do carnaval. Originada no século XVIII para comemorar o dia de Nossa Senhora, aos poucos foi deixando de ser uma festa branca católica para ir assumindo uma feição mais afro-brasileira. Nos fins de semana de outubro, na Penha, as tias baianas vendiam os mais variados produtos. A festa em que conviviam tambores brutos do Zé Pereira, os choros, o maxixe e o samba, transformou-se no principal palco de encontro das classes sociais do Rio de Janeiro (DINIZ, 2006, p.29).

Tudo isso mostra a passagem do espaço geográfico dos subúrbios do Rio de Janeiro e passa a interagir para depois integrar, formalmente, os espaços, antes dominados pela elite branca. Essa inserção nos espaços elitistas vai se consolidar definitivamente quando o samba assume a trilha sonora principal do carnaval. Sem dúvida alguma, o carnaval é o momento de esplendor do samba. Sua organização mobiliza milhões de pessoas pelo Brasil, e ele acabou por tornar-se o maior símbolo cultural brasileiro no exterior (DINIZ, 2006).

Assim, a integração do samba ao carnaval trouxe regozijo e gingado, além de “quebrar”, literalmente, a cor e padronização dos estilos costumeiros do carnaval da época. Essa quebra da cor está relacionada à inserção definitiva para configurar as bases de um novo carnaval. Uma nova voz, uma nova cor, uma nova mulher, um novo enredo e variados estilos.

### **O estilo afro-brasileiro: apenas sendo eu**

Muitas pessoas e/ou grupos criam seus estilos e disseminam na sociedade que, muitas vezes, grudam no gosto de faixas etárias diferentes. São estilos de roupas, cortes de cabelos, partindo muitas vezes de alguém que está sempre presente nas mídias como atores e jogadores de futebol. Não que seja exclusividade apenas desses grupos, mas que se alastram rapidamente nos meios sociais.

Costumamos classificar essa “onda” de moda que, para Harger (2016),

Pode expressar o modo de se vestir, a personalidade, os interesses e outras características que demonstram o tempo histórico em que os seres humanos se encontram inseridos, demonstrando comportamentos e permeando processos comunicativos e culturais. Assim, a moda funciona como um mediador de papéis dentro da sociedade (HARGER, 2016, p.98).

Entretanto, essas modas, muitas vezes, têm curtas durações que acabam se tornando esquecidas ou substituídas à medida que vão surgindo novos personagens. Nesse caso, devemos nos atentar que essas “ondas modistas” nem sempre trazem uma simbologia histórica de identidades, mas sim, momentos temporais que surgem para satisfazer um indivíduo, um grupo ou uma classe.

Ao contrário dessas modas passageiras, os estilos cultivados até hoje pelos afrodescendentes trazem a identidade de um povo que lutou e que luta por respeito as suas origens. Essa luta está nas roupas, que seja os longos vestidos brancos muito presentes nas baianas ou outros estilos, nos adornos que enfeitam os pulsos, orelhas e cabelos, como também nos estilos de penteados; todos são capazes de identificar as origens daqueles que cultivam suas identidades.

Logicamente, existem simbologias negras que têm uma representatividade que ultrapassa os espaços territoriais internacionais como o carnaval. Mas, em outros casos, é possível se conhecer, a partir do contexto interno, a origem desses estilos em todas as regiões do nosso país.

As comunidades quilombolas são responsáveis por guardar parte das tradições e valores culturais de origem africana. Nesse caso, estamos falando de um grupo organizado numa área demarcada que, ao sair do seu “mundo”, percebe a ignorância de parte da sociedade que não aprendeu conceitos essenciais de respeito, de identidade, de ética e de cidadania. Além das comunidades, existem os próprios descendentes que lutam no meio social, mostrando sua cara, sua cor e disseminando orgulho através do vestir, do pentear, do cantar, entre tantas outras maneiras de dizer que se orgulha de ser quem realmente é.

De acordo com Harger (2016),

Com a valorização das matrizes africanas, há o resgate de costumes e crenças dos antepassados. Porém, é fato que não se pode afirmar que toda população negra se identifique com suas raízes através da moda afro-brasileira, pois cada um possui uma maneira de afirmar a identidade cultural por meio da roupa, e as escolhas do vestir são individuais, mas é possível que haja um fortalecimento dessa cultura, permitindo que quem faz o uso dessa moda identifique valores comuns (HARGER, 2016, p. 97).

Os afrodescendentes que valorizam suas raízes são os principais divulgadores dos estilos pessoais nos seus lugares. No entanto, a tomada de decisão em ser um precípuo propagador de suas origens, nem sempre consegue atingir seu esforço de forma imediata. A sociedade ainda se esquivava em entender as identidades e valores afrodescendentes e faz seus julgamentos a partir do que lhe foi ensinado.

Ensinações de poucas discussões e sem reflexões sistemáticas que mostram o quanto se precisa enxergar com outros olhos o que são raízes, cultura, identidade, valores e simbologias de um povo, de uma raça e de um país. E não apenas dizer que a cultura afro-brasileira advém de categorias inferiores, sem conseguir explicar o que acham que sabem.

### **Considerações finais**

A cultura afro-brasileira foi construída no território brasileiro à custa de muita luta, dor e desrespeito numa trajetória de tempo que a tornou invisível à maior parte do tempo. Aos poucos, esse cenário vem sendo moldado por uma identidade negra na culinária brasileira, criando o que poderíamos chamar de afropaladar com receitas além da feijoada, como também de diversas outras receitas e temperos.

Muito além de enxergamos a identidade culinária como um prato típico, certas cozinhas regionais são fomentadas pela história e oferecem, junto aos seus ingredientes, inúmeros significados. Portanto, nos alimentamos de sentidos e sentimentos; de desejos e intenções; de histórias, de memórias e lembranças, que servem para recordar, ensinar, afirmar e intensificar saberes e práticas de grupos além de seus lugares sociais (SOUZA, 2017).

O samba saindo do subúrbio carioca e adentrando os salões e espaços públicos, até antes animados por outros ritmos musicais, passa a se multiplicar, não só nos eventos festivos, como também para satisfazer o público nobre em seus eventos particulares. Os próprios estilos pessoais (pulseiras, fitas, amuletos, lenços, penteados, etc.) que personalizavam as origens negras, passam a enfeitar os corpos e a abrenhar lugares diversos de uma leva de descendentes da classe dominadora.

Por mais que a impregnação do racismo, do preconceito, de uma formação social incompleta na sociedade brasileira ainda persista nos tempos atuais, devemos refletir e entender que os colonizadores e seus descendentes construíram um império, mas não construíram uma identidade própria. A prova disso está nas principais simbologias que representam a identidade do povo brasileiro no cenário, tanto nacional quanto estrangeiro, que é o samba e sua união às festividades carnavalescas, à culinária com a feijoada (apesar das discussões), à capoeira que representa dança e arte marcial e ao próprio estilo que identifica suas origens em qualquer lugar que estejam.

## REFERÊNCIAS

ALADRÉN, Gabriel. **O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa**. In: DANTAS et al. (Orgs.) **O negro no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Ocidentais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. 1º volume. São Paulo: Livraria Pioneira Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil; pluralismo étnico e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DINIZ, André. **Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

HALL, Stuart. **The Work of Representation**. In: **Representation, Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

HARGER, Patrícia Helena Campestrini. **O segmento de moda afro-brasileira: conceitos, estruturas e narrativas**. *ModaPalavra E*-periódico. Ano 9, n.18, jul./dez. 2016, p.96-120.

MATTOS, Regina Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução Marta Lança. 1. ed. Lisboa (Portugal): Editora Antígona, 2014.

NETO, Lira. **História do samba: as origens**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Ibeca, 2003.

PARANHOS, Adalberto. **A invenção do Brasil como terra do samba: os sambistas e a sua afirmação social**. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 07 de dezembro de 2020.

SOUZA, Mônica Dias de. **Feijoada quilombola: chancela de identidade. Contexto da Alimentação** – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade. V.5, n.2, julho de 2017, São Paulo: Centro Universitário – Senac.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. **Experiência e semântica entre os Tremembé do Ceará**. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.) *A Viagem da Volta*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999, p. 279-337.

VIANA, Larissa. **Festas e irmandades negras no Brasil**. In: DANTAS et al. (Orgs.) *O negro no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.